

## DISCURSO E MÍDIA: BREVE HISTÓRIA DO ROSTO DE DILMA ROUSSEFF NO PROCESSO ELEITORAL 2010

Por Roberto Leiser BARONAS (UFSCar/DL/PPPGL-UFMT/CNPq)

Com base na Análise de Discurso de orientação francesa, temos como objetivo primeiro nesta apresentação realizar uma pequena história do rosto do ator político Dilma Rousseff nas eleições presidenciais 2010. Para tanto, mobilizamos como *corpus* fotografias de Dilma veiculadas pelo jornal O Estado de S. Paulo, nos mais variados gêneros discursivos, durante o processo eleitoral de 2010. Buscamos, com efeito, descrever/interpretar que sentidos são dados a circular pelas fotografias do rosto de Dilma, publicadas pelo *Estadão*, durante o processo eleitoral 2010 e em que medida tais sentidos se constituíram em percursos deônticos de interpretação, que buscam cristalizar determinados sentidos na sociedade.

Refletir sobre a história do rosto, tentando compreender em que medida os rostos podem sugerir determinados padrões de comportamento ético e estético para os indivíduos, embora seja um tema bastante pertinente no âmbito das Ciências Humanas é um fenômeno muito pouco explorado pelos pesquisadores das humanidades. Numa revisão da literatura sobre essa temática, é possível constatar basicamente a existência de uma única reflexão de fôlego epistemológico. Trata-se da obra *História do Rosto: exprimir e calar suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)*, de autoria de Jean-Jacques Courtine e de Claudine Haroche, publicada, inicialmente, em francês em 1988.

Nesse livro, Courtine e Haroche, partindo da hipótese de trabalho de que “o rosto fala”, visitam um denso e extenso arquivo diacrônico de textos e imagens, produzidos na Europa entre os séculos XVI e XIX. São frequentados os tratados de fisionomia, escritos médicos e anatômicos, além de manuais para pintores e certos escritos estéticos. Os pesquisadores franceses, ancorados basicamente nos trabalhos de Norbert Elias<sup>1</sup>, Max Weber<sup>2</sup>, Michel Foucault<sup>3</sup> e retomando e, ao mesmo tempo, buscando prolongar o programa de pesquisa que Michelet propõe no seu prefácio de 1869 da História de França, procuram dar conta do paradoxo “o rosto deve exprimir-se”, mas, ao mesmo tempo, “deve calar-se”. Sobre essa questão nos dizem Courtine e Haroche (1988, p. 12-3):

---

<sup>1</sup> Tradução brasileira: **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Vol. 01. São Paulo, SP: Editora Jorge Zahar, 1995 e **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização. Vol. 02. São Paulo, SP: Editora Jorge Zahar, 1994.

<sup>2</sup> Tradução brasileira: **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

<sup>3</sup> Tradução brasileira: **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1996.

Uma história do rosto [é] em primeiro lugar uma história do *emergir da expressão*, desta sensibilidade crescente, desta atenção mais exigente incidindo sobre a expressão do rosto como sinal de identidade individual, [iniciada] a partir do século XVI. A individualidade expressiva [é] tomada nas formas de observação do homem natural, na mudança da relação entre homem exterior e o homem interior, entre o homem físico e o homem psicológico. [...] Uma história do rosto é ao mesmo tempo a história do controle da expressão, das suas exigências religiosas, das suas normas sociais, políticas e estéticas que contribuíram desde o Renascimento para o aparecimento de um tipo de comportamento social, sentimental e psicológico baseado no afastamento dos excessos, no silenciamento do corpo. Estas exigências fizeram nascer um homem sem paixões com um comportamento moderado, medido, reservado, prudente, circunspeto, calculado; muitas vezes reticente e por vezes silencioso. O homem racional das elites e depois das classes médias. O homem das paixões, o homem espontâneo e depois impulsivo, apagou-se progressivamente por detrás do homem sem paixão.

Muito embora a reflexão de Courtine e Haroche seja bastante pertinente para mostrar que os rostos dos indivíduos ao longo da história sofrem todo um processo de regramento simbólico, sendo gradativamente conformados a determinados padrões de comportamento socialmente aceitos, indo do paradigma da expressão para o paradigma do silêncio, a pesquisa dos autores franceses deixa de mostrar, por um lado, que os padrões não socialmente aceitos, ou os silenciados, podem circular. Não por uma questão de liberdade, mas justamente para marcar os indivíduos. Por exemplo, com o advento do fenômeno da comunicação de massa, se colocam em circulação nos mais variados suportes tanto os padrões éticos e estéticos socialmente aceitos quanto os condenados, isto é, mesmo no paradigma do silêncio, a depender de determinados interesses, o homem espontâneo, impulsivo pode circular. Esses últimos circulam com o intuito de singularizar os indivíduos, isto é, gerir as suas diferenças. Por outro lado, Courtine e Haroche deixam de refletir sobre como determinados suportes, tais como os meios de comunicação de massa, e não somente os tratados de fisionomia ou os escritos médicos, por exemplo, com a circulação de fotos dos rostos de determinados atores sociais podem fabricar a partir de determinados interesses, sobretudo, econômicos e religiosos, formas de comportamento ético e estético para os indivíduos.

Para dar conta, mesmo que minimamente, dessas “lacunas” do trabalho de Courtine e Haroche, é que nos propomos a realizar uma pequena história do rosto do ator político Dilma Rousseff, durante o processo eleitoral de 2010, verificando entre outras questões, em que medida os sentidos dados a circular pelas fotografias de Dilma se constituíram em percursos deônticos de interpretação, que buscam cristalizar determinados sentidos na sociedade.

Creemos que a pertinência deste estudo para os domínios do discurso e da comunicação política, para além da possível originalidade da reflexão, está no fato de que a

comunicação política deve ser entendida como “um conjunto de habilidades relativas à antecipação das práticas de retomada, de transformação e de reformulação de enunciados [de imagens] e de seus conteúdos” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 14) e que essas práticas condicionam aquilo que pode e deve entrar na ordem do (re)dizível enquanto debate no espaço público.

As fotografias analisadas apresentam uma regularidade de sentido: todas reforçam a ideia de que Dilma é uma mulher durona, com perfil bastante próximo ao da ex-primeira-ministra do Reino Unido, Margareth Thatcher. Esta última, por conta de seus posicionamentos firmes e conservadores à frente do *Downing Street*, ficou conhecida como a Dama de Ferro. Sentido que as fotografias de Dilma, em alguma medida, reverberam também. Todavia, no caso de Dilma, o sentido de Dama de Ferro, diferentemente de Thatcher, que possuía um valor eufórico, tem deslizado, por um lado, para o sentido de mulher masculinizada e, por outro, para o de homossexual. Ambos os trajetos interpretativos deslizam para valores disfóricos. Esses sentidos podem ser vistos inclusive em diversos textos que foram dados a circular nos mais diversos veículos, sobretudo, a partir de 2010, após a eleição de Dilma. Vejamos um excerto desses textos, publicado em 27 de novembro de 2010, no Blog *Cota pra Mulher* - [www.cotapramulher.blogspot.com](http://www.cotapramulher.blogspot.com).

### **Dilma Presidente**

Minha fantasia de primeira presidente do Brasil estava mais para Michelle Obama, Carla Bruni ou até mesmo Lady Di, mas, nunca Dilma Rousseff. Não estou falando de política e sim de feminilidade.

Observando Dilma desde que ela começou a aparecer com frequência na mídia, percebi *a constante masculinização da sua imagem*. Ela me levou a uma cruel e pensativa viagem ao tempo quando vi suas fotos na época da ditadura. Nessa época, parecia ser uma “condição” para entrar na “turma”, que a mulher se desapegasse de toda e qualquer vaidade. As mulheres toparam o desafio e cortaram os seus cabelos, trocaram as saias pelas calças compridas, os saltos por coturnos e foram à guerra. Lutaram junto com os homens pela liberdade de toda uma nação. Lutaram, também, para que hoje tivéssemos a liberdade de sermos novamente mulheres.

O homem vaidoso é metrossexual. A mulher vaidosa é fútil. O homem pode se gabar de todos os métodos e procedimentos estéticos dos quais vem lançando mão. A mulher que faz isso é... fútil! Bem cuidado, o homem parece mais bonito, atraente e inteligente. A mulher, burra. Homem pode se jogar nas revistas pornográficas, a mulher tem que enfrentar piadinhas e comentários preconceituosos quando tem vontade de ler a “Marie Claire”. O homem é dominador da TV em dia de jogos de futebol, a mulher tem que encarar um universo de comentários maldosos para assistir sua novela querida do dia a dia.

Todas essas “adversidades” nos transformaram em seres humanos mais flexíveis e adaptáveis a inúmeras situações. Será que somos mesmo tão fúteis e burras? *A Dilma se transformou em homem para se tornar presidente*. Fica a dica. (grifos meus).

Nossas análises, embora muito breves e pouco numerosas, mostraram que a sisudez do rosto de Dilma e seu falar vigoroso por conta do gesto fotográfico do *Estadão* deslizam para os sentidos de masculinização e de homossexualidade da candidata, sentidos esses que podem ser atestados em diversos gêneros que circularam após a eleição de Dilma. Numa sociedade machista e majoritariamente cristã como a brasileira e, sobretudo, num campo em que os homens são a grande maioria, como o da política, a masculinização e a homossexualização da mulher são vistas como disfóricas.

À análise empreendida, no entanto, algumas objeções poderiam ser feitas: a) Dilma, por ter passado recentemente por um câncer, teve de manter uma postura muito forte, vigorosa perante a população brasileira; b) Num campo em que o masculino é dominante como é o da política, Dilma estrategicamente teve de se *masculinizar* para se impor e dessa forma vencer as eleições; c) As falas postadas em blogs, como o citado, não são pertinentes, pois não representam a opinião da grande mídia. Às essas objeções respondo que manter uma postura vigorosa perante a sociedade brasileira não significa construir uma imagem *masculinizada* de si, entre fala vigorosa e imagem masculina embora existam traços de sentido comuns, não são a mesma coisa; não se trata de estratégia de campanha, pois durante todo o processo eleitoral Dilma insistiu, por exemplo, no uso do termo presidenta e não no de presidente e, por último, a fala postada em blogs é representativa de uma boa parcela da população brasileira. Ademais, no momento em que o *Estadão* dá a circular imagens disfóricas da candidata Dilma, o (e)leitor é interpelado a atribuir a essas imagens um sentido que extrapola o seu sentido primeiro. A interpretação assume a equação: “Dizendo X, o locutor implica Y”, onde Y se constitui num enunciado genérico de valor deôntico: “Um país cristão como o Brasil não deve ser governado por uma mulher masculinizada, homossexual”. As possíveis interpretações produzidas pelos (e)leitores não são da mesma ordem e profundidade das que acompanham os textos literários, filosóficos, ou religiosos, por exemplo. No entanto, trata-se de uma verdadeira “atitude hermenêutica” que faz com os leitores mobilizem um conjunto de saberes interdiscursivos, partilhados pela instituição midiática e os (e)leitores. Ou seja, os (e)leitores são mobilizados a partir de determinado posicionamento discursivo da instituição jornalística a interpretar a fotografia, procurando (re)construir o percurso interpretativo desenhado pelo gesto fotográfico do jornal.

### **Referências bibliográficas**

COURTINE, J-J. & HAROCHE, C. **História do Rosto: exprimir e calar suas emoções (do século XVI ao início do século XIX)**. Trad. Ana Moura. Teorema, Lisboa, Portugal, 1988.

ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. 01. São Paulo, SP: Editora Jorge Zahar, 1995.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador: formação do Estado e civilização**. Vol. 02. São Paulo, SP: Editora Jorge Zahar, 1994.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Trad. Raquel Ramallete. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1996.

KRIEG-PLANQUE, A. **A noção de “fórmula” em análise do discurso** – quadro teórico e metodológico. Trad. de Luciana Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010a.

\_\_\_\_\_. Por uma análise discursiva da comunicação: a comunicação como antecipação de práticas de retomada e de transformação dos enunciados. Trad. de Luciana Salazar Salgado. In: **Revista de Popularização Científica em Ciências da Linguagem – Linguasagem nº 16**, São Carlos, SP: [www.letras.ufscar.br/linguasagem](http://www.letras.ufscar.br/linguasagem) 2011.

MAINGUENEAU, D. *Aforização: enunciados sem texto?* In: \_\_\_\_\_. **Doze conceitos em análise do discurso**. Org. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. *Les phrases sans texte*. Paris, FR, Armand Colin, 2012.

WEBER, M. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2004.

